

## **Os trabalhadores e as lutas contra a carestia em 1913 no Rio de Janeiro**

*Kaio César Goulart Alves<sup>1</sup>*

**Resumo:** O artigo tem por interesse analisar os protestos contra a carestia, conduzidos pela classe trabalhadora do Rio de Janeiro no ano de 1913. Organizadas por duas forças sociais, as manifestações mobilizaram o centro e os subúrbios, considerando que o comício público foi o método de enfrentamento privilegiado. Pretende-se destacar os múltiplos interesses que constavam da pauta de reivindicação.

**Palavras-chave:** Classe trabalhadora, protestos, carestia, Rio de Janeiro.

**Abstract:** The article is interested in analyzing the protests against high prices, led by the working class of Rio de Janeiro in the year 1913. Organized by two social forces, demonstrations mobilized the center and the suburbs, whereas the public meeting was the coping method privileged. It is intended to highlight the many interests that were on the claim agenda.

**Keywords:** Working Class, protests, famine, Rio de Janeiro.

### **Workers and struggles against famine in 1913 in Rio de Janeiro**

---

<sup>1</sup>Licenciado (2011) e Mestre (2014) em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Professor de História na educação básica do Estado de Minas Gerais. E-mail: [kaio.goulart@yahoo.com.br](mailto:kaio.goulart@yahoo.com.br)

## Introdução

Embora tenham sido apenas mencionados em importantes estudos do movimento operário e sindical da Primeira República (VIANNA, 1978; HALL; PINHEIRO, 1979; GOMES, 1988; BATALHA, 2006), 29 comícios públicos contra a carestia foram preparados e conduzidos pela classe trabalhadora do Rio de Janeiro no ano de 1913 (ALVES, 2014, p. 82).

No presente artigo busca-se compreender duas questões importantes. Inicialmente, aborda-se as condições de consumo da classe trabalhadora. Num segundo momento, tenta-se identificar a pauta de reivindicação do movimento contra a carestia, promovido na Capital Federal durante o primeiro semestre de 1913.

## Custo de vida e salários

A historiadora Eulália Lobo menciona que a economia do Rio de Janeiro lidou com alguns problemas durante a década de 1910, como a diminuição dos preços dos gêneros exportados e a redução das importações. Estes fatores foram agravados pelo início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, e se expandiram até meados de 1916, num momento em que a produção industrial seria retomada (LOBO, 1978, p. 236; LOBO; CARVALHO; STANLEY, 1989, p. 104).

Em conjunto, três fatores caracterizaram a carestia de vida no Rio de Janeiro, são eles: os baixos salários pagos aos operários; a “crise de moradia” resultante da destruição dos cortiços; e o aumento expressivo dos preços dos gêneros alimentícios de primeira necessidade.

**Tabela 1:**  
Índice de salários/custo de vida (1914-1921).

Ano	Custo de Vida	Salários
1914	100	100
1915	108	100
1916	116	101
1917	128	107
1918	144	117
1919	148	123
1920	163	146
1921	167	158

Fonte: MARAM, Sheldon Leslie. 1979. Op. cit., p. 121.

Como é possível observar na tabela acima, o custo de vida não se equilibrava com o valor médio dos salários dos trabalhadores, mesmo tendo em vista as variações de ofício e local de trabalho.

Em 1913, por exemplo, um operário da seção das máquinas, segundo o índice produzido por Lobo, destinava 72% de seu salário para a aquisição de alimentos (LOBO, 1978, p. 764). Um operário tanoeiro, neste mesmo ano, orientava à compra de gêneros alimentícios 62% de seu salário (LOBO, 1978, p. 766).

A carestia constituía um tormento para a família operária. Lima Barreto, alguns anos mais tarde, expressou seu descontentamento para com aquele contexto caracterizado por enormes dificuldades.

Não há necessidade de ser muito enfronhado nos mistérios das patifarias comerciais e industriais, para ver logo qual a causa de semelhante encarecimento das utilidades primordiais à nossa existência. Nunca o Brasil as produziu tanto e nunca elas foram tão caras. O plantador, o operário agrícola continua a ganhar o mesmo; mas o consumidor as está pagando pelo dobro. Quem ganha? O capitalista. Ele e unicamente ele, porquanto o fisco mesmo continua a receber o mesmo ou quase o mesmo que antigamente (FARIA, 2012, p. 39).

A insatisfação em relação à carestia aumentava dia a dia. Na noite de 20 de fevereiro, 300 pessoas se reuniram na sede do Centro Cosmopolita, com o interesse de debater quais estratégias seriam tomadas pela classe trabalhadora no seu combate à carestia.<sup>2</sup>

### **De terno, chapéu e gravata: os trabalhadores e os comícios contra a carestia**

O tipógrafo anarquista Rozendo dos Santos, secretário geral da entidade sindicalista revolucionária de maior expressão no Brasil, a Confederação Operária Brasileira (COB), expressou o seu protesto através da imprensa.

É preciso que façamos chegar aos ouvidos dos poderosos o nosso ódio, a nossa indignação contra o aumento desbragado no preço dos gêneros que servem de alimento àqueles que não dispendo dos meios infames de que dispõe a burguesia decrepita deste país encontra na carne seca, na farinha e no feijão, os únicos elementos para mitigar a fome, enganando o estômago. É preciso formar-se um comitê de agitação, que obrigue essa horda de vampiros

---

<sup>2</sup> **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 21/02/1913, p. 3.

recuar ante o desígnio que lhe absorve a sifilítica imaginação.<sup>3</sup> (**A VOZ DO TRABALHADOR**. In: Rio de Janeiro, 01/02/1913, p. 3.)

Associações de classe se fizeram representar, pelo envio de delegados, no primeiro encontro interessado no combate à carestia.

**Tabela 2:**  
Associações presentes na reunião de 20 de fevereiro de 1913.

<b>Associações de Classe</b>	<b>Delegados</b>
Fênix Caixeiral	Manoel Joaquim da Costa e Matheus Fernandes Vianna
Federação Operária do Rio de Janeiro	Joaquim dos Santos Barbosa
Comitê de Agitação de Vila Isabel	Alves Junior
União Geral dos Pintores	Alvaro Silva
Associação Operária Independente	Luiz Antonio Lourenço
A Voz do Trabalhador	Cecílio Villar
Sindicato dos Sapateiros	José Ramos
Sindicato dos Carpinteiros	Manoel Reis
Confederação Operária Brasileira	Cecílio Villar
União dos Alfaiates	Antonio Moreira, Manoel Coutinho e Jacob Chain
Sindicato Operário de Ofícios Vários	João Leuenroth, Demétrio Minaña
Associação de Empregados Barbeiros e Cabeleiros	Custodio Pas, Domingos Ribeiro Cabral e Manoel Almeida Negra

Fonte: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 21/02/1913, p. 3.

<sup>3</sup> **A Voz do Trabalhador**. Rio de Janeiro, 01/02/1913, p. 3.

Na reunião foi fundado o “Comitê de Agitação Contra a Carestia de Vida”, cuja atribuição principal era combater o aumento do custo de vida. Seu presidente seria o advogado socialista Caio Monteiro de Barros.

Concluídas as intervenções, foi redigida uma moção, assinada pelos membros do recém fundado “Comitê”. Citamos:

O povo delibera, para debelar essa aflitiva situação, reclamar do governo a modificação da taxa dos direitos de importação, até mesmo da entrada, livre de direitos, durante o prazo que julgar necessário, para os artigos de procedência estrangeira, que possam competir com os similares produzidos ou açambarcados pelos trusts nesta Praça ou em outra do país (art. 55, n. VIII, da lei 2719, de 31 de dezembro de 1912, que orça a receita geral da República para 1913). Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 1913 – (Assinados) Caio Monteiro de Barros, presidente, Alfredo Ford, Alberto Franco, Marcelino Ferrão.<sup>4</sup> (**CORREIO DA MANHÃ**. Rio de Janeiro, 21/02/1913, p. 3)

Os membros do “Comitê” adotaram como estratégia argumentativa a crítica aos impostos, bem como a defesa do livre mercado e da livre concorrência, a partir da aplicação da lei que orçava a receita geral da República para o ano de 1913 (que não permitia a formação de monopólios). É possível relacionar essa moção com o movimento internacional do capitalismo monopolista, na medida em que desde finais do século XIX a segunda revolução industrial possibilitou a formação de megaempresas que controlavam grande parte dos mercados, e impediam o exercício da livre concorrência. Em 1913, a imprensa do Rio de Janeiro comentava sobre a atuação dos *trusts* do açúcar e do charque.<sup>5</sup>

Terminadas as discussões, foi deliberado que a organização de comícios públicos de protesto tornar-se-ia o método de enfrentamento privilegiado pela classe trabalhadora no seu combate à carestia. Duas forças sociais seriam as responsáveis por conduzir as manifestações, uma vez que além do “Comitê de Agitação Contra a Carestia de vida”, a FORJ também iria organizar, após o carnaval, uma série de protestos contra a carestia.

Considerando que a alta do preço dos gêneros de primeira necessidade vem mais de perto agravar a situação precária em que se encontra o povo desta Capital, já tão escravizado pelos impostos que sobre si pesam e pela falta de liberdade tão lindamente escrita na constituição da República, mas negada seja a quem for (exceto aos grãos), pois que para isso o governo nos aponta ironicamente a boca da barra ou a Casa de Detenção; Considerando que o

---

<sup>4</sup> Grifos no original.

<sup>5</sup> **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 19/02/1913, p. 2.

momento atual das condições de vida do operariado não pode de forma alguma passar despercebido pela Federação Operária, representante genuína do proletariado livre da Capital; A mesma Federação incitará, após as festas carnavalescas, uma série de comícios públicos na cidade e nos arrabaldes, afim de protestar contra o desleixo, aliás comum, dos senhores da Prefeitura e contra os *trusts* nacionais, que são a causa das dificuldades com que luta atualmente o povo do Rio de Janeiro. A carestia dos alugueis de casas também será tratada nessas reuniões públicas, que de alguma forma hão de produzir resultados práticos para todos aqueles que sofrem as consequências nefastas do capitalismo. De completo acordo com a F. O. R. J., aqui estamos para acompanhá-la nessa campanha, em tudo que estiver ao nosso alcance. *A Voz do Trabalhador* é do povo e pelo povo trabalhador. (**A VOZ DO TRABALHADOR**. Rio de Janeiro, 01/02/1913, p. 3)

Em 23 de fevereiro ocorreram dois comícios, um deles promovido pela FORJ, no Sindicato dos Pedreiros e Serventes. Por volta das quatro da tarde, cerca de 3.000 pessoas tomaram a Praça Ponte das Taboas, no Jardim Botânico, para outro comício, convocado pelo “Comitê de Agitação Contra a Carestia de Vida” (FICO, 1989, p. 137). Falaram aos presentes Caio Monteiro de Barros, trabalhadores Caralando Filho, Vicente Nunes Ferreira e Antonio Moreira, além do educador anarquista Pedro Matera.<sup>6</sup>

Em 24 de fevereiro, a FORJ e a COB, que assinavam em conjunto a organização dos *meetings* (encontros públicos de protesto, que tinham no comício ou na passeata seu ápice), promoveram sua primeira manifestação com maior participação.<sup>7</sup> Tomaram parte desse comício como oradores, e falaram para mais de 3 mil pessoas, o tipógrafo anarquista Cecílio Villar, os operários Antonio Moreira, Candido Costa, Joaquim Pinto Leal Junior, e o tipógrafo e ator socialista Ulisses Martins.<sup>8</sup>

Cecílio Villar convocou o “povo” do Rio de Janeiro ao enfrentamento pelos seus direitos. Antonio Moreira, da União dos Alfaiates, discursou sobre as comemorações feitas naquele momento no Palácio do Catete, “enquanto os trabalhadores, o povo, passavam miséria”. Joaquim Pinto Leal Junior disse, adiante, que o “povo” trabalhava e os “ricos” gozavam às suas custas. Não havendo mais oradores, por volta das cinco e meia da tarde Cecílio Villar encerrou o *meeting*, ressaltando que o “povo” deveria continuar sua luta. Por fim,

---

<sup>6</sup> **A Época**. Rio de Janeiro, 24/02/1913, p. 1.

<sup>7</sup> **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 25/02/1913, p. 3.

<sup>8</sup> **A Voz do Trabalhador**. Rio de Janeiro, 15/03/1913, p. 1.

os presentes foram convidados a seguir em passeata até às redações dos jornais apoiadores do movimento contra a carestia.<sup>9</sup>

**Figura 1:**  
Reunião em 20 de fevereiro no Centro Cosmopolita



**Fonte:** *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 21/02/1913, p. 3.

Enquanto os protestos alcançavam as ruas, o *Correio da Manhã* destacava que os trabalhadores do Rio de Janeiro lutavam uma “questão econômica, alimentada pelos governos e pelos legisladores, forjada nas antecâmaras das grandes negociatas”.<sup>10</sup> E em meio ao clima de insatisfação popular, alguns jornais publicavam poemas, na forma de soneto, irônicos em relação à carestia. Abaixo citamos dois exemplos.

<sup>9</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 25/02/1913, p. 3.

<sup>10</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 02/03/1913, p. 2.

Zé povo anda exaltado.

Com o calor asfixiante que tem feito  
Fervelhe o sangue: e fica de tal jeito  
Que não se sente em casa sossegado

Vem para a praça pública  
Grita, protesta contra a carestia;  
Dá vivas à república  
E vivas à anarquia.

Porém, ouvido o popular protesto,  
Em lugar de acatá-lo  
O governo num gesto  
Dá-lhe a resposta: a pata de cavalo

Meus senhores cuidado  
Com o paiol da opinião  
Excessivo é o calor, e em tal estado  
Não espanta que ele arda  
Numa 'espontânea combustão'  
E saia à rua a procissão  
- Da Bernarda!.

(A ÉPOCA. Rio de Janeiro, 06/03/1913, p. 2)

---

A carestia de vida

A vida está penosamente cara!  
Queixa banal a todo instante ouvida  
Sob esse lindo céu de Guanabara  
Que aos gozos da existência nos convida.

Morar bem hoje em dia é coisa rara;  
Cara é a roupa, caríssima a comida  
E há muita gente que só morre para  
Deixar aos outros barata a vida.

Estudando o problema tive ensejo  
De ouvir um pronto que as ideias prontas  
Tem e as questões resolve num lampejo.

Esse me disse: anda esse povo às tontas  
E o remédio não vê que já muito vejo:  
Comprar-se fiado e não pagar-se as contas.  
(A ÉPOCA. Rio de Janeiro, 04/03/1913, p. 1.)

Após a realização de seis comícios no mês de fevereiro, dois deles com mais de 3 mil presentes, as lideranças, em reunião na sede da FORJ, debateram a necessidade de dar “caráter nacional” para a campanha contra a carestia. Dessa reunião, ocorrida no começo do mês de março, resultou um manifesto, bem como a indicação de realização de um grande comício, um “comício monstro”, com data e local pré-definidos.

Para reafirmarmos as reclamações populares contra a carestia de vida e as bases de ação com as quais melhor alcançaremos a vitória, convidamos o povo em geral a comparecer ao comício monstro que se realizará no domingo, 16 do corrente, às 4 horas da tarde, no Largo de São Francisco de Paula. Toda população sofredora deve concorrer a esta grande manifestação, de caráter nacional, pois, nela se farão representar quase todas as sociedades operárias do Brasil. **TODOS AO COMÍCIO!!**

*Confederação Operária do Brasil*

*Federação Operária do Rio de Janeiro (CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 25/02/1913, p. 3.)*

Às quatro da tarde, na sede da FORJ, já havia mais de 20 delegações com os seus respectivos estandartes, prontas para seguir em direção ao Largo de São Francisco de Paula, no centro do Rio de Janeiro. Diante da escadaria da Escola Politécnica, uma multidão “superior a 10 mil pessoas” (PINHEIRO; HALL, 1979, p. 216) estava presente, e ansiosa para ouvir os oradores. Ao alto era possível visualizar estandartes com os dizeres “Querem é poder! Salve o 1º de Maio”, ou “A Voz do Trabalhador contra a carestia de vida”.<sup>11</sup>

O tipógrafo anarquista Cecílio Villar discursou primeiro, e destacou que a “classe trabalhadora estava sob a exploração dos *trusts*”, havendo, portanto, a necessidade de sua organização nos sindicatos de resistência. Rozendo dos Santos, secretário geral da COB, falou da importância dos sindicatos para as lutas econômicas dos trabalhadores, e convocou-os para associarem-se.<sup>12</sup> Logo em seguida, o tipógrafo socialista Ulisses Martins tomou a palavra, e de “modo surpreendente” passou a hostilizar a imprensa que apoiava o movimento. Após ser vaiado ele deixou a escadaria de onde falavam os oradores. Eustáquio Silva, representando a Fênix Caixeiral, discursou por último. Terminados os oradores, Cecílio Villar convidou a todos para seguirem em passeata até a sede da FORJ.<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> **A Voz do Trabalhador.** Rio de Janeiro, 01/04/1913, p. 3.

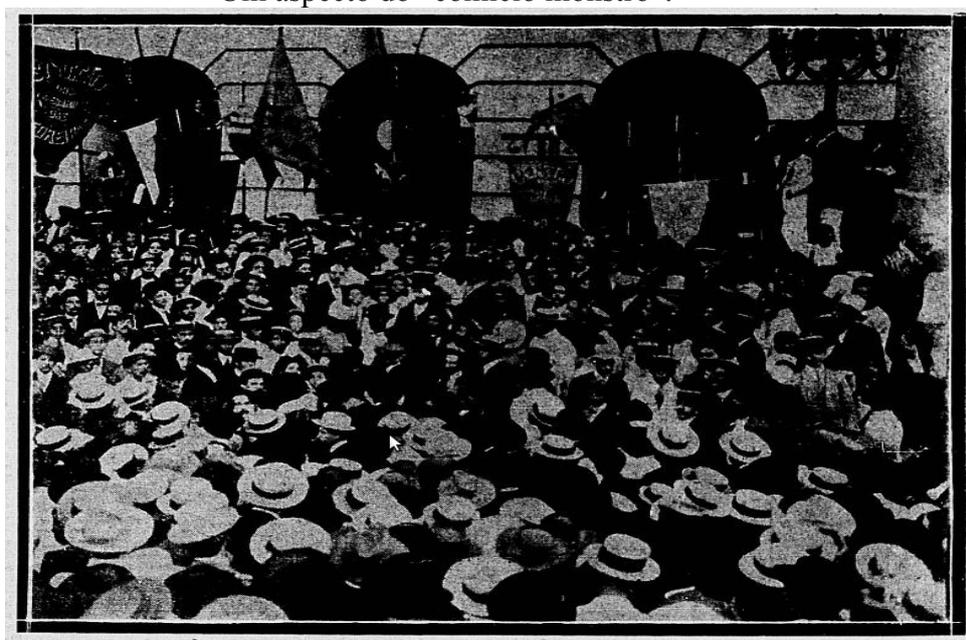
<sup>12</sup> **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 17/03/1913, p. 3.

<sup>13</sup> **Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 17/03/1913, p. 3.

Às cinco e meia, após o término do comício no Largo de São Francisco, os presentes passavam pela Rua do Ouvidor e pela Avenida Central. Aquela manifestação teve fim por volta das 7 da noite, quando chegou a notícia de que o educador anarquista Pedro Matera, orador no “comício monstro”, havia sido preso pela polícia. Segundo *A Voz do Trabalhador*,

Num instante a rua ficou vazia. O povo todo dirigiu-se à Central de Polícia. Ao chegar, um esquadrão de polícia formou-se a frente do edifício. Inútil. O povo avançava. Subiu então uma comissão que foi se entender, em nome do povo, com o chefe de polícia, que nem falar podia. O camarada ia ser posto em liberdade no dia seguinte. (*A VOZ DO TRABALHADOR*. Rio de Janeiro, 01/04/1913, p. 3)

**Figura 2:**  
Um aspecto do “comício monstro”.

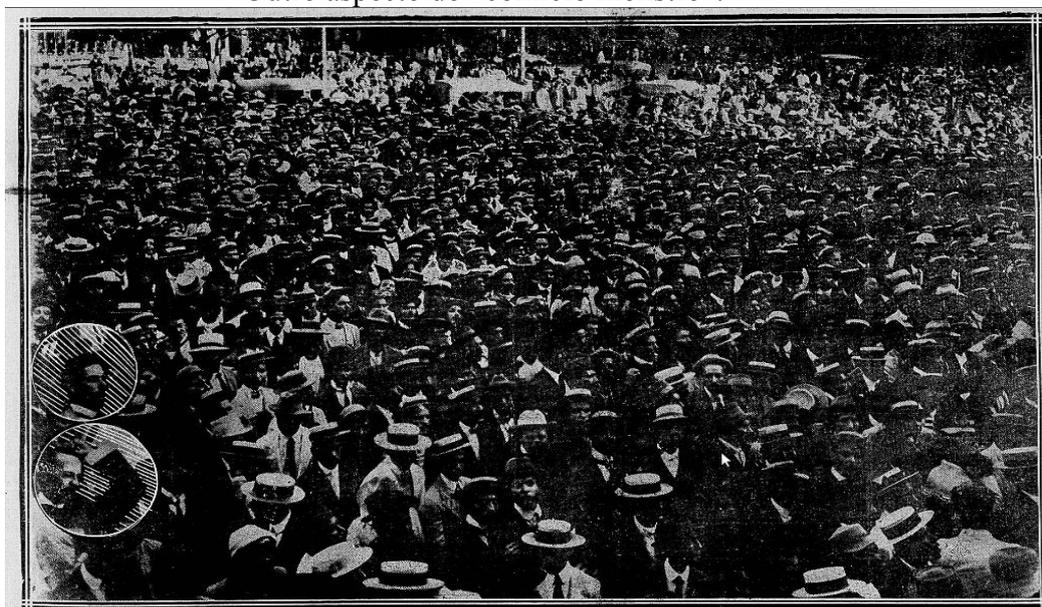


Fonte: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 17/03/1913, p. 3.

A prisão de líderes do movimento contra a carestia ocorreu algumas vezes, considerando que tal ação constituía um recurso de intimidação dos trabalhadores. Havia um agravante, se o operário preso fosse estrangeiro, recaía sobre ele, além dos prejuízos do encarceramento, o risco de deportação, em decorrência da Lei Adolfo Gordo, promulgada em 1907, e endurecida em 1913. Essa lei permitia, na prática, que se expulsasse do país os estrangeiros que participassem do movimento operário (DULLES, 1977, p. 33).

Ocorreram outros episódios de violência na noite de 16 de março. Às 22 horas, na esquina da Avenida Passos com a Rua Marechal Floriano, soldados de polícia espancaram pessoas que haviam participado do comício. À redação do *Correio da Manhã* foram dar queixa Armando da Fonseca, com um ferimento no queixo, Luis Fontes Braulio de Oliveira e Germando da Fonseca, com escoriações no corpo. Outros trabalhadores agredidos, por serem estrangeiros, não tiveram seus nomes divulgados.<sup>14</sup>

**Figura 3:**  
Outro aspecto do “comício monstro”.



Fonte: *A Época*. Rio de Janeiro, 17/03/1913, p. 1.

Ao final do “comício monstro” foi lida e aprovada por aclamação uma moção. Citamos:

[...] O povo do Distrito Federal e do interior do país, representado pelas delegações de muitos Estados e localidades, resolve reclamar para todo o país a abolição das tarifas alfandegárias, dos impostos internacionais; e para esta localidade e redução de 30 por cento sobre os impostos municipais que afetam os gêneros de primeira necessidade; 30 por cento de redução sobre os atuais alugueis das casas ou habitações; a jornada de 8 horas para as classes que ainda não conquistaram, e o aumento de salário para todos os assalariados, tomando como base mínima de 7\$000 diários. Tendo em vista que os poderes constituídos como dirigentes ou pretendidos dirigentes do povo e da sociedade atual instituem para todos os cidadãos a obrigação de conhecerem as leis do regime imperante e o espírito dessas mesmas leis, com mais motivo os

<sup>14</sup> *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 17/03/1913, p. 3.

dirigentes têm o dever de conhecer as necessidades dos cidadãos; e tendo também em vista o profundo desprezo com que os poderes têm recebido as mensagens populares, o povo resolve levar ao conhecimento de todos essas reclamações, fazendo delas a maior publicidade possível, pela imprensa, comícios, conferências, etc, declarando que desde este momento decide lutar sem descanso até conseguir as suas reivindicações. *O Comitê*. (**A ÉPOCA**. Rio de Janeiro, 17/03/1913, p. 2.)

Para além da constatação feita pelos trabalhadores de que deve haver um equilíbrio na democracia representativa, uma vez que se os “cidadãos” devem conhecer e respeitar as leis, os governos também devem conhecer e respeitar as necessidades dos “cidadãos”, neste comício, tal como ocorreu em outros organizados pela “dobradinha” FORJ/COB, dois objetivos principais foram apresentados.

Inicialmente, pode-se visualizar o interesse na abolição ou redução de todos os impostos responsáveis por encarecer os gêneros de primeira necessidade. A redução dos valores das habitações alugadas pelos mais pobres também foi demandada. Em segundo lugar, foi reivindicado pelas lideranças a conquista da jornada de trabalho de oito horas diárias, e o aumento de salários para todos os trabalhadores. Falemos um pouco sobre essas questões.

### **Direitos sociais e propaganda sindicalista: as demandas do movimento**

O historiador Carlos Fico destaca que uma das características essenciais dos comícios de 1913 foi a presença de um grande número de associações e sindicatos de classe, uma marca, portanto, da dimensão organizativa do movimento (FICO, 1989, p. 138-139). Fico também observa que os protestos contra a carestia contaram com a presença predominante de operários, ainda que a classe média urbana tivesse participado (FICO, 1989, p. 140).

Para o historiador, os comícios de 1913 voltaram-se exclusivamente para o combate dos impostos e dos problemas de abastecimento. De modo que, somente em 1917, quando os trabalhadores promoveram outro movimento contra a carestia, as “lideranças” passariam a discutir “problemas mais gerais, politizando, assim, o assunto”. Em síntese, para Fico, somente em 1917, com a “politização” mais elevada do movimento operário, foi possível “canalizar a insatisfação das 'massas' no sentido da organização sindical” (FICO, 1989, p. 147).

Encontramos registros que apontam para outras possibilidades de interpretação dos objetivos do movimento contra a carestia promovido no ano de 1913, como cartas,<sup>15</sup> moções,<sup>16</sup> circulares<sup>17</sup> e relatórios (HALL; PINHEIRO, 1979, p. 171-172, p. 216), além de alguns discursos dos oradores nos comícios.<sup>18</sup> Para exemplificarmos, citamos o trecho de uma reflexão feita por uma liderança do movimento, publicada em “A Voz do Trabalhador”.

A carestia de vida é uma resultante lógica da divisão da sociedade em duas classes, a que trabalha e é espoliada e a que espolia e não trabalha. Na propriedade privada reside a origem primária dos males que sofremos. Os trabalhadores nada podem também esperar dos governos, quaisquer que eles sejam. Os governos são simples mandatários, quando não interessados, dos capitalistas. Não podem, pois mesmo que o queiram, ir de encontro à vontade deles, para servir à classe produtora. A esta é que compete organizar-se e assim, forte dentro do sindicato, dar combate tenaz a todos os parasitas opulentos, a todos os sugadores do sangue do povo. (**A VOZ DO TRABALHADOR**. Rio de Janeiro, 15/03/1913, p. 2)

A avaliação de outra liderança do movimento observou:

Desde o início desta campanha vimos demonstrando a necessidade imperiosa da organização forte das classes trabalhadoras, meio único para lutar desassombradamente e com superioridade contra o regime da fome, luta esta que se devia traduzir pelo aumento do salário equivalente ao aumento da carestia dos gêneros indispensáveis à existência, e diminuição das horas de trabalho para as classes ainda sujeitas, pela sua desunião, ao trabalho de 9 a 10 horas. [...] Como resultado dessa campanha nós temos o prazer de ver a fundação de mais dois sindicatos de classe e o aumentar dos sócios que já existiam. (**A VOZ DO TRABALHADOR**. Rio de Janeiro, 01/05/1913, p. 5.)

É possível que as conclusões de Fico resultem das fontes investigadas. Em jornais como o diário *A Época*, ou o jornal operário *A Voz do Trabalhador*, ambos não avaliados pelo historiador, registros importantes apresentaram o fato de que os protestos contra a carestia buscaram conquistar o que aqui chamamos de “direitos sociais”, ou seja, a jornada de trabalho de 8 horas diárias, a equiparação salarial entre homem e mulher, e a proibição do trabalho infantil, e etc.

<sup>15</sup> **A Época**. Rio de Janeiro, 02/03/1913, p. 5-6.

<sup>16</sup> **A Época**. Rio de Janeiro, 17/03/1913, p. 2.

<sup>17</sup> **A Época**. Rio de Janeiro, 30/03/1913, p. 6

<sup>18</sup> **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 14/03/1913, p. 3.; **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 17/03/1913, p. 3; **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 21/04/1913, p. 4.

É oportuno observar que duas forças sociais foram responsáveis pela organização dos protestos contra a carestia no primeiro semestre de 1913. Trabalhadores, socialistas e membros de associações de orientação colaboracionista estiveram à frente do “Comitê de Agitação Contra a Carestia de Vida”. A “dobradinha” FORJ/COB foi responsável pela outra companhia.

As reivindicações apresentadas por cada força social não foram sempre as mesmas. O “Comitê” concentrou-se no combate aos impostos e aos *trusts*. A parceria entre a COB e FORJ, tal como o “Comitê”, almejou a redução imediata dos preços dos alimentos essenciais à vida, no entanto, em seus protestos os oradores demandaram questões propriamente trabalhistas (jornada, de trabalho, aumentos de salários, e etc).

Outro aspecto importante diz respeito à propaganda dos sindicatos de resistência, feita especialmente pelos sindicalistas revolucionários, e expressa nos documentos produzidos pelo movimento, bem como nos discursos proferidos pelos oradores nos protestos, como ocorreu no “comício monstro”.

### **Considerações finais**

Os enfrentamentos contra carestia buscaram, antes de qualquer coisa, manter a sobrevivência da classe trabalhadora. No entanto, seus interesses não se restringiam a isso. Como pudemos constatar, direitos sociais e organização sindical combinavam-se com a questão das condições de consumo da classe trabalhadora.

Resultaram da mobilização contra a carestia no primeiro semestre alguns ganhos consideráveis. Os mercados municipais criados para a venda de alimentos mais acessíveis ao bolso do trabalhador, como os da Praça Arcus e do Largo do Capim constituem uma conquista.<sup>19</sup> Foi requerido para votação um projeto de lei que visava reduzir em 20% as tarifas cobradas sobre os alimentos importados, e a “Comissão de Constituição e Justiça”, da Câmara dos Deputados, declarou que iria formular um projeto de redução em 30% das tarifas que pesavam sobre os alimentos.<sup>20</sup>

No entanto, o elemento fundamental do movimento de 1913 não foi as medidas tomadas para amenizar a carestia. A reocupação das ruas da Capital Federal feita pela classe trabalhadora representa a sua real contribuição, considerando que a política oligárquica não

---

<sup>19</sup> A *Época*. Rio de Janeiro, 14/03/1913, p. 3.

<sup>20</sup> A *Época*. Rio de Janeiro, 03/09/1913, p. 1.

reconhecia ao povo o direito de participação através das eleições. Os protestos contra a carestia, às vezes assistidos por milhares de pessoas, denunciaram as péssimas condições de vida dos trabalhadores, ao mesmo tempo em que expunham, com clareza, a necessidade de organização da classe trabalhadora nos sindicatos, para levar adiante as suas lutas econômicas. Vimos, nesse sentido, que algumas associações de tipo sindical foram criadas a partir da mobilização feita nos comícios. O movimento teve, portanto, as suas vitórias.

## Referências

### Fontes

**A Voz do Trabalhador.** Rio de Janeiro, 1913. Centro de Documentação e Memória da UNESP (CEDEM/UNESP).

**A Época.** Rio de Janeiro, 1913. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BN).

**Correio da Manhã.** Rio de Janeiro, 1913. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BN).

### Bibliografia

ALVES, Kaio César Goulart. **Em busca das formas de consciência:** as lutas operárias contra a carestia no Rio de Janeiro (1912-1918). Dissertação de mestrado em História. Mariana, UFOP, 2014.

BATALHA, Claudio H. M. (coord.) **Dicionário do movimento operário:** Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920, militantes e organizações. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

BATALHA, Claudio H. M. Cultura associativa no Rio de Janeiro da Primeira República. In: \_\_\_\_\_; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre Fortes (orgs.). **Culturas de classe:** identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

\_\_\_\_\_. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). **O Brasil República I.** O tempo do liberalismo excludente: da proclamação da República à revolução de 30. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

DULLES, J. W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil (1900-1935).** 2 ed. rev. e amp. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977.

FARIA, Antonio Augusto Moreira de; PINTO, Rosalvo Gonçalves. **Lima Barreto:** antologia de artigos, cartas e crônicas sobre os trabalhadores. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012.

FICO, Carlos. **Cidade capital:** abastecimento e manifestações sociais no Rio de Janeiro, 1890-1945. Dissertação de mestrado em História. Niterói, UFF, 1989.

GOMES, Angela Maria de Castro. **A invenção do trabalhismo.** São Paulo: Vértice/IUPERJ, 1988.

HALL, Michael M.; PINHEIRO, Paulo Sérgio (orgs.). **A Classe operária no Brasil:** documentos (1889-1930). vol. I e II. São Paulo: Brasiliense/Alfa-Ômega, 1979.

- LOBO, Eulália M. L. **História do Rio de Janeiro** (do capital comercial ao capital industrial e financeiro). Rio de Janeiro: IBMEC, 1976 (2 vols.)
- LOBO, Eulália; CARVALHO, Lia e STANLEY, Myrian. **Questão habitacional e o movimento operário**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1989.
- MARAM, Sheldon Leslie. **Anarquistas, imigrantes e movimento operário brasileiro, 1890-1920**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MATTOS, Marcelo Badaró. **Escravidados e livres: experiências comuns na formação da classe trabalhadora carioca**. Rio de Janeiro: Editora Bom Texto, 2008
- THOMPSON, E. P.. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- VIANNA, Luís Werneck. **Liberalismo e sindicato no Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

*Recebido em: 02 de dezembro de 2014*

*Aceito em: 05 de maio 2025*